

Rural e urbano na Lapinha

Segundo o sociólogo Paulo César Lisboa Cerqueira, o mundo rural e o urbano se abraçam na festa da Lapinha, que tem o seu ponto alto na noite de ontem, varando a madrugada de hoje. Desde a Espanha e Portugal, carregando por séculos uma herança católica popular misturada com todas as superstições para as quais o bom gosto letrado virou o rosto para não ter que enfrentar seus próprios preconceitos.

Os Reis eram três - ou quatro ou doze, variam muito. Mas o povo é muito criativo e essa criatividade deu-lhes nome, transformando-os em uma espécie de emblema da miscigenação das raças. O resultado: uma das mais belas festas do ciclo do folclore popular.

Mas, para nossa sorte, diz ele, ainda na colônia a comemoração dos Reis aportou por aqui com seus zabumbas, suas caixas e principal-

mente, seus pífanos guaxando a folia.

No Brasil, o reisado ganhou feições e características regionais. Na faixa litorânea se desenvolveu em forma de ranchos e pastoris, com sua peculiar coreografia e seus estandartes e corções do "rosa e encarnado". Nas zonas do sertão, cenário rústico e primordial onde a natureza e a cultura se interpenetram para marcar o destino e a tragédia dos homens, o reisado assumiu outros contornos mas preservou bastante de sua estrutura ibérica, sobretudo na utilização dos pífanos e do zabumba.

Os pífanos, construídos artesanalmente de caniços, predominam na parte instrumental e fazem a linha melódica, em dois tons, um grave e outro agudo.

O zabumba e outros instrumentos percussivos seguram o ritmo. Os cantores anunciam o nascimento de Cristo e a visita dos Reis Magis.



A tradição da festa de Reis é mantida em Salvador e no interior



Os ternos de Reis que participam da festa da Lapinha enfrentam dificuldades para manter a tradição

Cantando e bebendo de casa em casa

É entre o Natal e o dia 6 de janeiro que os ternos de reis vão de casa em casa, cantando, bebendo e celebrando. O costume é o dono da casa visitada oferecer uma bebida e no final franquear "Um agrado pro srinho", conta o sociólogo Paulo Cerqueira, um recurso necessário para a manutenção da folia.

E o terno segue em frente, arrastando um grupo de foliões com suas roupas e chapéus de palha enfeitados de fitas coloridas que dão maior beleza e plasticidade ao folguedo.

RESISTÊNCIA

Apesar de todas as dificuldades financeiras para a manutenção da festa, com todo o brilho que teve há alguns anos, a folia do reisado resiste na Lapinha. É este ano, mais um terno marca presença. Pela primeira vez o Terno de Reis Amigos da Folia, capitaneado pela Banda de Pífano do Córrego do Cedro, participa da festa da Lapinha, ao lado dos ternos e pastoris que fazem parte da cultura soterropolitana. Capitaneado pela Banda de Pífano do Córrego do Cedro, for-

mada por camponeses que, durante o ano todo, plantam milho, feijão e mandioca, e no Natal - tradição que atravessa gerações -, eles saíram na noite de ontem com sua folia, o mesmo que fazem para alegrar os moradores do Córrego do Cedro e adjacências, entre os municípios de Ribeirão do Largo e Bacurizalada, no Sudoeste da Bahia, divisa com Minas Gerais.

Leia mais sobre Reis na página A-2.